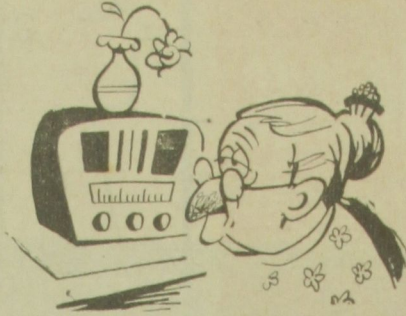


CONVERSA

Foi num loteação. Eram duas velhotas e a mais gorda dizia assim:  
— Pois é. Você sabe, quando acabou o "Direito de nascer" eu fiquei com uma saudade!  
— Eu também — comentou a outra, mais acabadinha, com jeito de quem vai morrer primeiro — achei de muito mal gosto eles acabarem com a novela. Pra encher o tempo eu andei até fazendo uns tralhinhos de tricô pra fora.

— E', mais graças a Deus vem outro aí, né?  
— E' sim, do mesmo autor. O tal Felix Cai-gnet.  
— Ele é ótimo. Tem uma imaginação... Também já está pra lá de rico. Dizem que só com o "Direito de nascer" ele ganhou mais de 3 milhões de dólares, veja você.  
— Imagine. E o pobre Paulo Gracindo, tão simpático, apostou que não ganhou nada.  
— Não ganhou, não. Desaforo, um ator tão bom como ele. Eu gosto tanto do Paulo Gracindo!

— Ih! Eu também, João Batista. Provavelmente cada uma foi para a sua sepultura, esperar seu próximo programa.



**CINEMA** — O carioca não pode ver os cinemas do Rio exibiram e "Telefonema de um estranho". Foi o quanto ma fitinha razoável, sequer.

Mas, como estava muito calor e era preciso assistir uma fita para comentar, escolhemos o Metro que, pelo menos, é um cinema limpo. Assistimos um desenho animado magnífico, do mesmo autor da série "Tom & Jerry", só que, desta vez, usando como personagem um gato neurastênico que, para fugir à detestável presença dos homens, embarca num foguete, para a lua.

Foi, portanto, de muito bom humor que vimos as primeiras cenas de "Cedo para beijar", um dos filmes mais calhordas dos últimos tempos. Confessamos que não conseguimos aguentar até o fim. Saimos no meio, com medo de que, de repente, entrassem em cena o Oscarito e o Grande Qthelo, de braços com a Eliana.

Em São Bernardo do Campo, onde estão instalados os estúdios da companhia de cinema Vera Cruz, a polícia recebeu queixa de uma mocinha, que se dizia seduzida por Anselmo Duarte, o galã de fitas nacionais.

Anselmo compareceu à Delegacia, desculpando-se e dizendo-se vítima de uma chantagem, no que, aliás, parece ter toda a razão. Depois falou aos jornalistas presentes:

— "Recebo uma média de cinquenta cartas de fãs, por dia, de todo o país e entre elas é comum encontrar

**GALÃ**  
postostas as mais incríveis. Logo, no meu caso, não haveria necessidade de forçar ninguém".

E após esta declaração, que pode ser muito caíta mas que não quer dizer nada, porque o Monstro era casado e Errol Flynn recebe muito mais carta que Anselmo, o galã fez considerações sobre o avançado progresso da cinematografia doméstica:

filme bom que é logo multado. Há quinze dias duas fitas excelentes: "O Pária das Ilhas" bastou para que não aparecesse mais nenhuma

— "Apesar de todos os aborrecimentos que fatos desta natureza acarretam, o que ressalta é que o cinema nacional já alcançou projeção, pois, como vê, já há até escândalos entre fãs e artistas".

E finalizando sua conversa com os repórteres, comentou: — "De maneira nenhuma pretendo imitar alguns artistas famosos.

Isso nós já sabíamos. Pelo menos representando, Anselmo nunca imitou nenhum artista famoso. O que é uma pena".

— "De maneira nenhuma pretendo imitar alguns artistas famosos. Isso nós já sabíamos. Pelo menos representando, Anselmo nunca imitou nenhum artista famoso. O que é uma pena".

CONFUSÃO DE CIRCUNFLEXOS

**HÁ DIAS**, num programa de televisão, a senhora Helena Sangirardi ditava uma receita de vatapá e a atriz Heloisa Helena, com um giz na mão, ia escrevendo, no quadro negro, os temperos e ingredientes do famoso prato baiano. Um peixe, meio quilo de amendoim, camarões secos... Em dado momento, a senhora Sangirardi ditou: "Um côco grande e dois côcos pequenos". Naquela hora, não sei por que, uma coisa disse, dentro de mim: "vai ter". E teve. Heloisa Helena fez uma lamentável confusão nos circunflexos ganhando, o vatapá da Bahia, um novo e, até então, desprezado condimento. Realmente, a palavra "côco", principalmente, em programa de TV, tem que ser escrita com muito cuidado.

□

**COISAS BONITAS** — Eis uma pequena e apressada relação das coisas que são, de fato, bonitas, nesta vida curta, incerta, consativa e cara, navio saindo da barra; saldos de chuva, pendurados nos fios telefônicos; mulher com o paletê de pijama da gente; jarro, com flores, em varanda de rapaz solteiro; bailarina andando, com os pezinhos bem espalhados; paisano batendo no guarda; moça tomando banho de rio; moça bonita dizendo um palavrão, pela primeira vez; solo de piano (que não seja Kalu, Jezebel, Senhora, Marcha Turca, Dança Ritual do Fôgo, Danúbio Azul e — vá lá — Menino Grande); defesa do goal-keeper, no canto, à meia altura; vela de jangada no mar, longe; a assinatura do avalista; menino — bem menininho — sentado no chão, num canto da sala, vendo as gravuras de um livro; aquela luz bem branca que fica no centro da tela quando acaba o último programa de televisão; mulher — não pode ser qualquer uma — com aquelas calças grosseironas da "Sears Roebuck", desde que uma das pernas da calça esteja mais arregaçada do que a outra; fatia de melancia; de noite o carrilhão do vizinho dando horas; de noite, também, o Cristo Redentor, com uma nuvem "negligée" passada na cintura; voz de telefonista; aeromoça; água escorrendo dos montes quando chove muito; angará de um mês brincando com uma bolinha de papel (não há quem evite dizer: que gracinha!); a estrada Rio-São Paulo, quando emparelha com o Paraíba do Sul; despertar com música de boi;

missa campal; a ladeira da Conceição da Praia; e cais dos saveiros e o mar.

**COINCIDÊNCIA** — Naquela pobre cidade, onde eu quase nasci, ia haver um sensacional encontro de futebol entre o XIII de Maio F. C. (não sei por que esse 13 de Maio se escrevia com algarismos romanos) e um outro clube que, se não me engano, era a Associação Atlética. O "goal-keeper" do XIII, filho do presidente João Nascimento, chamava-se Nascimento também. O "back" direito era Manoel Paixão, barbeiro e filho de uma senhora muito religiosa que fazia parte do Apostolado da Oração. O outro "back" — coitado — chamava-se Cirino, mas, 15 dias antes do jogo, quebrara a perna num treino em conjunto. Destalcado de Cirino, o clube teve que apelar para o reserva Mortezzi — aliás esplêndido zagueiro — filho de uns italianos que negociavam com peles, cortumes etc. Acontece que o nosso Mortezzi, desde o tempo do colégio, foi apelidado de Morte. Pois bem, na véspera do jogo, "O Estimulo" — jornal semanário da terra — publicou, em manchete? Imediatamente, uma beata levou o jornal ao vigário — Pe. Thomé — e chamou sua atenção para "a chacota, que estava tentando contra a Santa Madre Igreja". A direção técnica do clube, segundo aquela senhora, podia perfeitamente, usar os nomes dos seus atletas assim: José Manoel e Paulo Mortezzi. Aquilo não passava de um desrespeito à Igreja, na pessoa do próprio Jesus Cristo, que nasceu, sofreu e morreu, na cruz, para nos salvar. O padre concordou 100% com a piedosa senhora e, sem perder tempo, mandou chamar a esposa do árbitro da peleja, pondo-a a par do seu descontentamento pela irreverência do "XIII". Na manhã seguinte, durante o sermão, excomungou "O Estimulo", a diretoria e os associados do "XIII". O jogo foi de tarde e o quadro excomungado, embora jogando um grande futebol, perdeu por 8 x 2. Apenas, aconteceu isto: mal a bola entrava na área do XIII, o juiz — homem temente a Deus — apitava pênalti. Dos oito tentos da Associação Atlética, sete foram marcados de pênalti registrando-se mais 3, que Nascimento defendeu, galhardamente. No domingo seguinte o clube passou a jogar com o trio final do time eliminado do seu plantel, para sempre, o eficiente triângulo: Nascimento, Paixão e Morte.

INSENSATOS

As vezes eu fico pensando que uma parte de nossa gente rica está ficando louca. Ou então vive em ambientes fechados, à prova de som, com iluminação artificial e sem janelas. Porque, positivamente, ou essa gente enlouqueceu ou não pode ver essa paisagem social sombria e tensa, não pode ouvir esses murmúrios que vão subindo, vão subindo.

Estou me lembrando, neste momento, da explicação que me dava um amigo de São Paulo sobre um milionário com quem conversáramos duas horas, e que me espantou pelo seu absoluto desconhecimento da vida do povo: "eu me dou muito com êle, e posso dizer: êle só vive em ambiente de ar condicionado. A casa dêle e o escritório são aquecidos no inverno e refrigerados no verão. O automóvel também. O que êle precisava era de pegar um pé de vento, quente ou frio, de preferência com poeira na cara".

Uma rajada de vento das ruas me parece, mesmo, uma boa receita, e misericordiosa, para êsses ricos insensatos que estão, cada dia que passa, mais alucinados em seu exibicionismo. Não estou escrevendo isto para atacar pessoas, não desejo citar nomes: estou me referindo a um fenômeno que me parece grave e me faz lembrar, por exemplo, o conto "Red Death" de Edgard Allan Poe — aquêle que conta a história dos que se reuniram em um castelo em festas enquanto lá fora a gente pobre morria de peste.

Ainda vemos de vez em quando a polícia suspender, fechar ou molestar de algum modo jornais da extrema esquerda. Eis uma grave tolice. Se as autoridades querem zelar pela ordem social com tanto afã que se dispõem a pisar a Constituição e desrespeitar a liberdade de imprensa, seriam pelo menos mais inteligentes se prestassem mais atenção ao que escreve o meu amigo Jacinto de Thorntes e menos ao que escreve o meu amigo Egidio Squeff. O Sr. Luís Carlos Prestes, com quarenta adjetivos violentos em uma coluna de manifesto, não chega a ser 1 por cento tão subversivo quanto o Sr. Marcos André, com seu estilo ameno e delicado.

Mas a final de contas os escritores dão apenas o reflexo da realidade, ou de um de seus aspectos — e não é vedando a sua imagem num espelho que você remove um objeto.

Quem tiver um pouco de informação sobre o que está acontecendo no Brasil e fizer algumas contas em uma folha de papel, chega logo a esta conclusão: os pobres estão ficando cada vez mais pobres, e os ricos cada vez mais ricos. E' espantoso que os segundos façam tanta questão de esfregar essa verdade na cara dos primeiros.

RUBEM BRAGA